

| 08 | EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA APREENSÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Paola Berenstein Jacques

Esta proposta de sessão livre pretende, ao colocar em debate diferentes experiências metodológicas de apreensão da cidade, contribuir com o esforço em comum deste XV Encontro da ANPUR no sentido de reformular teorias, abordagens e práticas do planejamento urbano e do urbanismo, sobretudo ao propor a discussão sobre os limites de suas ferramentas mais tradicionais de apreensão e compreensão da cidade, particularmente no contexto da complexidade de cidade contemporânea. A sessão livre se inscreve no debate em andamento no âmbito da pesquisa : « Experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea » (FAPESB/CNPq - PRONEM - Programa de Apoio a Núcleos Emergentes) cuja proposta é a de investigar metodologias de apreensão da complexidade das cidades no atual contexto de espetacularização urbana, buscando articular três linhas de abordagem que costumam ser tratadas separadamente: historiografia, apreensão crítica e experiência estética-corporal. A pesquisa toma a noção de experiência e de sua transmissão em forma narrativa, como princípio norteador de nossa investigação metodológica.

A pesquisa baseia-se em nossos estudos já empreendidos e em andamento, acerca das implicações e conseqüências do chamado processo de espetacularização das cidades contemporâneas que, resultante da lógica pacificadora e segregatória subjacente à crescente privatização e pacificação securitária dos espaços públicos, afeta de modo estrutural as dinâmicas sociais cotidianas, o processo de produção de subjetividades e a própria corporalidade de seus habitantes, comprometendo, por fim, as possibilidades de constituição da própria esfera pública da vida urbana. Esta pesquisa busca também um aprofundamento na discussão e realização das práticas de apreensão urbana no campo do urbanismo e do planejamento urbano, partindo de suas recentes reconfigurações formuladas em diferentes campos de conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a História, as Artes e o próprio Urbanismo. Assim, esta sessão livre contará com a participação de pesquisadores com os quais a pesquisa mantém parceria colaborativa em torno de questões correlatas e complementares, na mesma busca por metodologias mais apropriadas à uma compreensão da complexidade de configuração da vida urbana contemporânea.

A sessão livre será a ocasião de levar a público a discussão sobre ferramentas conceituais e metodológicas para a apreensão da cidade contemporânea. Buscaremos enfocar, como tema central, as possibilidades de experiência da cidade e seus modos de compartilhamento e transmissão, em particular a partir da ideia de narrativas urbanas. A questão das narrativas é central no debate aqui proposto, especialmente quanto à diferenciação feita por Walter Benjamin entre dois tipos de experiência associados a dois termos diferentes em alemão: Erlebnis, a vivência, o acontecimento, uma experiência sensível, momentânea, efêmera, um tipo de experiência vivida, isolada, individual; e Erfahrung, a experiência maturada, sedimentada, assimilada, que seria um tipo de experiência transmitida, partilhada, coletiva. A grande questão para Walter Benjamin não estaria tanto no depauperamento da experiência vivida, da vivência, menos ainda na sua destruição, como em vários autores contemporâneos como Giorgio Agamben, por exemplo, mas na dificuldade de transformá-la em experiência acumulada, coletiva (Erfahrung), ou seja, de transmiti-la. Para Walter Benjamin, mais do que a experiência propriamente dita (em termos de vivência), era a arte de narrar que estaria em vias de extinção na modernidade. A partir daí surge uma questão fundamental que para nós

está diretamente relacionada com a apreensão da cidade: como narrar a nossa experiência urbana hoje ?

Com sabemos, a questão das narrativas e da narração está diretamente relacionada a questão da memória e, assim, da história, em particular, da historiografia, da forma de se contar ou de se narrar a história, de transmiti-la. Também está diretamente relacionada com as experiências de trabalho de campo, etnográfico, de escuta do outro, da escolha de interlocutores, das diferentes formas de relatos de encontros. Sabemos também como o próprio exercício de narração está associado a uma prática espacial, ao movimento, à viagem ou, ainda, ao simples andar pela cidade. A narração, em qualquer forma de narrativa (textual, fotográfica, audiovisual, etc), não somente exprime uma prática, uma ação, nem se contenta em dizer o movimento, ela já o faz ao narrar. Uma narrativa seria uma prática do espaço, um tipo de ação, que pode ser cartografada, mapeada. Essas cartografias partem de experiências físicas, corporais. O próprio corpo pode ser compreendido como um tipo de cartografia da experiência urbana. Como relacionar essas narrativas tão díspares? Como articulá-las, montá-las, para melhor apreender a cidade?

Buscaremos articular diferentes propostas de apreensão da cidade a partir sobretudo de práticas narrativas da experiência urbana, enfocaremos sobretudo algumas formas narrativas menores ou micronarrativas (contrapontos às grandes narrativas modernas), que enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim pretendemos promover um campo interdisciplinar de interlocução sobre o tema proposto. Neste sentido, cada apresentação responderá a uma mesma questão: « como pensar a apreensão da cidade contemporânea? », a partir de campos de conhecimento distintos.

Margareth da Silva Pereira, propõe discutir a questão a partir das pistas propostas pela historiografia, pelo estudo da História e, sobretudo, da memória. Ela propõe a ideia de nebulosas como uma forma possível, precária e contingente, de discussão das narrativas compartilhadas das memórias coletivas urbanas. Cibele Saliba Rizek, por sua vez, a partir do campo das Ciências Sociais, em particular da Sociologia e da Antropologia, trata das práticas etnográficas de trabalho de campo, das narrativas resultantes e de como essas incursões e essas narrativas etnográficas podem contribuir para uma compreensão das especificidades das cidades contemporâneas. Thais Portela, busca responder a questão da apreensão da cidade contemporânea a partir da pista deixada por Ana Clara Torres Ribeiro, em particular com a experiência da Cartografia da Ação Social, que mais do que um simples método analítico, se mostraria também como um instrumento de luta política. Ela tenta relacionar esse tipo de Cartografia a uma discussão político-estética. Fabiana Dultra Britto, a partir do campo da Dança e das artes do Corpo, toma a ideia de corpografia urbana, um tipo de cartografia no próprio corpo de quem faz a experiência urbana, como possibilidade analítica. Ela toma como pressuposto fundamental, para discutir a apreensão da experiência da cidade, a ideia de coimplicação entre corpo e ambiente. Paola Berenstein Jacques, por fim, questiona os limites do tradicional « diagnóstico urbano » e propõe pensar se uma certa ideia de montagem, a partir do campo das Artes, poderia atuar como um outro modo de apreensão e compreensão da cidade contemporânea. Além das cinco apresentações individuais, teremos dois debatedores convidados, os professores Frederico Guilherme B. Araújo e Fernando Gigante Ferraz, que trabalham na interface com os campos da Linguística e da Filosofia, buscarão colocar questões e fazer uma síntese geral dos trabalhos apresentados.

Palavras-chave: metodologia, apreensão, narrativas

O LUGAR CONTIGENTE DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA NA APREENSÃO DA CIDADE

Margareth da Silva Pereira

Resumo

A cidade é soma de memórias, algumas feitas história, isto é, aquelas que se constroem como como narrativas compartilhadas: como memórias coletivas. Pensar cidades sem considerar suas memórias – institucionalizadas e naturalizadas ou apagadas e silenciadas - é subtrair-lhes o espaço de desejo, de ação, de utopia, de confronto, de ausências, de poder e impotência que as fundam como lugar de vida coletiva e plural. Memória e História são narrativas que evocam experiências e temporalidades que não são nem lineares, nem cíclicas mas também não são aleatórias e relativas. Na ação evocativa de reminiscências, a historiografia busca tomar distância crítica em relação tanto aos discursos coletivos quanto às suas lacunas e, assim, aos seus modos de legitimação. Elas formam “nuvens de sentidos” que podem ser mais consolidados e densos ou mais etéreos, soltos. Nem a historiografia nem a posição do historiador são neutras. São práticas e lugares discursivos situados que, por sua vez configuram formas de linguagens e de leituras. O historiador e as interpretações que resultam do seu trabalho se situam em um campo de possibilidades culturais - subjetivas, aquelas que balizam o seu próprio tempo e, ainda, as dos embates que permeiam o lugar disciplinar no qual opera. As nebulosas são metáforas das configurações precárias, contingentes que são possíveis ser pensadas e propostas no campo coletivo por cada historiador a partir dos fragmentos que reúne em seu esforço de objetivação dos discursos do outro e em relação ao próprio exercício de dotação de sentido que empreende.

Palavras-chave: Historiografia, narrativas, nebulosas

POR QUE FAZER ETNOGRAFIA - PERMANÊNCIAS, MODULAÇÕES, INFLEXÕES DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Cibele Saliba Rizek

Resumo

O que permite caracterizar as especificidades das cidades contemporâneas? Quais os pontos de inflexão e/ou suas modulações que podem ajudar a pensar os seus espaços que resultam de novos processos de formação e conformação? Há um conjunto de relações entre novas formas de sociabilidade, novos modos de uso e de fluxo da cidade e as conformações sociais, culturais, de gênero? A primeira questão que se apresenta como mote para pensar as incursões etnográficas em campos de pesquisa já constituídos ou em constituição é a apreensão de processos mais ou menos inéditos, mais ou menos entalhados por pontos de inflexão que ao mesmo tempo indicam permanências e transformações sociais, culturais, espaciais, de fluxos, de trajetórias. A segunda questão diz respeito às formas narrativas que permitiram a apreensão do que, a partir dessas incursões etnográficas, se pôde perceber. Essas narrativas põem em questão tanto o que se viu, ouviu, apreendeu, como o lugar a partir do qual se viu, se observou, foi possível perceber – são narrativas que se sabem narrativas, que se sabem interpretações e que, por isso mesmo, permitem reflexão sobre as

relações entre os sujeitos de pesquisa e seus interlocutores. Nessa trama sempre situada, as questões relativas ao outro e a si estão sempre presentes. Nessas incursões etnográficas – de natureza necessariamente qualitativas – é possível apreender o que ainda está em curso, é possível se surpreender e revisitar pressupostos, hipóteses, conceituações prévias, em confronto com novos e velhos processos que combinam relações sociais, dimensões culturais, espaços e tempos.

Palavras-chave: Etnografia, narrativas, sociabilidade

CARTOGRAFIAS DA AÇÃO E AS GRAFIAS [IM]POSSÍVEIS NO TERRITÓRIO USADO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Thais de Bhanthumchinda Portela

Resumo

As possibilidades de modificar a leitura sobre a opressão-marginalização-exclusão-subalternidade-colonialidade-minoria social ou, sobre a partilha desigual e injusta da organização capitalística nas sociedades contemporâneas através de uma observação sistemática que permite criar cartografias das práticas diárias e das táticas de sobrevivência, de modo a afirmar questões sociais historicamente ocultadas: esse é o mote central da cartografia da ação desenvolvida por Ana Clara Torres Ribeiro. Para a socióloga, as práticas concretas do cotidiano também modificam os sentidos da ação social e reverberam no elo existente entre a estrutura e conjuntura. A compreensão analítica desse elo biunívoco é que nos permite apreender, nas cidades, os sentidos da ação social. A cartografia da ação desenha, não necessariamente em mapas, o território usado de uma sociedade ativa e em transformação, e mais, preocupa-se em fazer a grafia dos sujeitos sem representações sociais correspondentes. A cartografia da ação, portanto, é mais do que um método de análise, ela é também um instrumento de luta política. Mas, se a política é "partilha do sensível" (Jacques Rancière), se é formação da comunidade com base no encontro discordante das percepções individuais e, se a política é essencialmente estética; como podemos grafar e analisar, na ação social, aquilo que é permeado pelo sensível inerente à determinados contextos urbanos? Lembremos que o sensível a ser partilhado não é comum a todos, o sensível não é democrático. Assim criamos o mote deste texto: será possível levar a cartografia da ação à esse campo de investigação tão pouco objetivo?

Palavras-chave: Cartografia, política, subjetividade

A IDEIA DE CORPOGRAFIA URBANA COMO PISTA DE ANÁLISE

Fabiana Dultra Britto

Resumo

As recentes aproximações entre Dança, estudos do Corpo e da Cidade se, por um lado, sugerem interessantes reconfigurações dos seus respectivos modos de problematização das relações corpo/ambiente, por outro, requerem metodologias de experimentação, análise e

formulação narrativa mais apropriadas ao seu caráter processual, de modo a evitar o risco tanto as leituras causais e deterministas quanto do seu esvaziamento crítico pela sua estabilização como norma institucionalizada. A cidade quando tomada pelos artistas de dança como mero cenário para sua apresentação e a dança ou performance quando tomadas pelos urbanistas como mero exercício pessoal de apreensão do ambiente urbano, desconsideram o caráter recíproco das consequências de suas ações. É justamente a coimplicação entre corpo e ambiente que tomamos por pressuposto para propor a noção de corpografia urbana como uma síntese transitória do processo de apreensão da cidade pelo corpo que a experimenta, Uma espécie de cartografia corporal, em que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui, As corpografias permitem tanto compreender as configurações de corporalidade como memórias corporais resultantes da experiência de espacialidade, quanto compreender as configurações urbanas como memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram. Elas expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de sua rede de referências informativas.

Palavras-chave: Corpografia, corpo, cidade

APREENDER A CIDADE PELA MONTAGEM?

Paola Berenstein Jacques

Resumo

A partir da ideia e da prática da montagem de uma série de artistas e teóricos - principalmente dos anos 1920-1930, entre eles Sergei Eisenstein, Bertold Brecht, Georges Bataille, Walter Benjamin e Aby Warburg - o historiador de arte Georges Didi-Huberman nos propõe que um tipo de conhecimento específico poderia ser operado pela montagem. Como pensar um conhecimento da cidade a partir da ideia de montagem? O “diagnóstico urbano” - ferramenta urbanística de apreensão da cidade - é, desde Patrick Geddes e seu “urban survey”, um tipo de montagem de dados e informações sobre uma cidade. Qual a relação entre esse tipo de montagem no campo do urbanismo e do planejamento urbano e a ideia de montagem no campo da arte e da cultura, que podemos encontrar, por exemplo, na revista de vanguarda Documents editada por Bataille ou ainda no famoso Atlas Mnemosyne criado por Warburg? Como uma apreensão da cidade pode ser pensada pela ideia de montagem - pelo complexo processo de montagem-desmontagem-remontagem que também pode ser compreendido como ação política - proposta por Didi-Huberman? Esta ideia de montagem - uma forma de conhecimento que seria criada a partir da reunião de narrativas/imagens bem distintas e paradoxais, a partir do choque e do conflito entre elas - poderia ser pensada como um modo de apreensão ou compreensão da cidade contemporânea? Como pensar, apreender ou conhecer a cidade por esse tipo de montagem, que separa o que normalmente está reunido e que conecta o que está habitualmente separado?

Palavras-chave: Montagem, apreensão, cidade